

CONFLITOS ENTRE ÍNDIOS E EUROPEUS NA REGIÃO DE GUAÍRA NO PARANÁ: SÉCULOS XVI E XVII¹

Nestor Luiz Morgan²
André Paulo Castanha³

RESUMO: O Presente estudo tenta analisar a conflituosa relação estabelecida entre os colonizadores portugueses e espanhóis contra os jesuítas e os indígenas na região de Guaíra, atual Estado do Paraná entre os séculos XVI e XVII, a partir obras de estudiosos do tema e de escritos da época. O objetivo do texto é servir de material de apoio didático para ser utilizado pelos educadores que trabalham com a História do Brasil, Geografia, Ensino Religioso e principalmente a História do Paraná. Dentre as questões que orientam as reflexões destacamos o Tratado de Tordesilhas, a ocupação da região de Guaíra, a presença dos jesuítas e o relacionamento com os indígenas e as ações dos espanhóis às expedições dos bandeirantes na caça aos indígenas.

Palavras-chave: Colonização séculos XVI e XVII, Missões Jesuítas, História do Paraná, Resistência Indígena, Guaíra séc. XVI e XVII.

CONFLICTS BETWEEN INDIANS AND EUROPEANS PEOPLE IN THE REGION OF
GUAIRA IN THE STATE OF PARANA: XVI AND XVII CENTURY

ABSTRACT: The current study aims to analyse the confrontational relation established between the Portuguese and Spaniards colonizers against the Jesuits and the native people in the region of Guaira, the current State of Parana between the centuries XVI and XVII, from books about the topic and writings of that period. The objective to prepare texts in order to use them as didactic material support by teachers who work with the Brazilian History, Geography, Religious teaching and mainly the History of Parana State. Among other matters that guide the discussions it has been stood out the Treaty of Tordesillas, the Guaira region occupation, the presence of Jesuits and the relationship with the Indians besides the Spaniards actions toward the Paulistas expeditions in hunting for the indigenous people.

KEY-WORDS: Century XVI and XVII Colonization, Jesuit Missions, History of Parana, Indigenous Resistance, Guaira in the century XVI and XVII .

¹ O texto é resultado de parte dos estudos desenvolvidos como aluno do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, da Secretaria Estadual de Educação – SEED, turma 2009-2010.

² Professor de História da rede estadual de ensino do Paraná, Núcleo de Francisco Beltrão - PR.

³ Professor do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Pesquisa: História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDOPR – GT local do HISTEDBR. Historiador e mestre em educação pela UFMT, doutor em Educação pela UFSCar e Pós-Doutor em Filosofia e História da Educação pela Unicamp.

CONFLICTOS ENTRE ÍNDIOS Y EUROPEOS EN LA REGIÓN DE GUAIRÁ EN EL PARANÁ: SIGLO XVI Y XVII

RESUMEN: El presente estudio intenta analizar la relación llena de conflictos establecida entre los colonizadores portugueses y españoles contra los jesuitas y los indígenas en la región de Guairá, actualmente Estado de Paraná entre los siglos XVI y XVII, a partir de obras de estudiosos del tema y de escritos de la época. El objetivo del texto es servir de material de apoyo didácticos para ser utilizado por los educadores que trabajan con la Historia del Brasil, Geografía, Enseñanza Religiosa y principalmente Historia del Paraná. Entre las cuestiones que orientan las reflexiones destacamos el Tratado de Tordesillas, la ocupación de la región de Guairá, la presencia de los Jesuitas y el relacionamiento con los indígenas y las acciones de los españoles a las expediciones de los paulistas en la caza al pueblo nativo.

PALABRAS LLAVE: Colonización siglo XVI y XVII, Misiones Jesuíticas, Historia del Paraná, Resistencia Indígena, Guairá, siglo XVI y XVII.

1 INTRODUÇÃO

O Presente estudo analisa o confronto entre os colonizadores portugueses e espanhóis com os indígenas e os jesuítas na região de Guairá⁴, atualmente pertencente ao Estado do Paraná, entre os séculos XVI e XVII. O tema é bastante complexo e pouco explorado pela historiografia. O texto pretende se constituir em material didático para ser utilizados pelos educadores que trabalham a História do Brasil, Geografia, Ensino Religioso e, principalmente a História do Paraná. Neste recorte histórico analisamos o relacionamento pacífico, em alguns momentos e, violento e depredador em outros. Inicialmente vieram os espanhóis, tidos como os primeiros invasores da região de Guairá e, posteriormente os jesuítas, os quais

⁴ O nome Guairá é de origem Guarani e significa “esconderijo”, local de difícil acesso ou intransponível, devido às Sete Quedas, obstáculo natural do Rio Paraná, que dificultava a navegação na região. Em 1982, com a construção da barragem da Hidrelétrica de Itaipu, as Sete Quedas foram encobertas pelas águas do Lago de Itaipu. A região tinha outras denominações como: Republica ou Província do Guairá ou de Vera (em português), Republica del Guayrá, o La Piñeria (em espanhol). Era uma grande região geográfica do Brasil meridional em grande parte coincidente com o atual estado do Paraná, que fazia parte do Império Espanhol como um território pertencente ao governo do Rio de La Plata e Paraguai, até a divisão em 1617, data em que foi incluída no governo do Paraguai, e foi inicialmente chamada de Gobernación del Guayrá. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%ABblica do Guair%C3%A1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%ABblica_do_Guair%C3%A1) Acessado em 30-05-2011.

organizaram as missões e, finalmente chegaram os portugueses provenientes de São Vicente e da Vila de São Paulo, os popularmente conhecidos como bandeirantes⁵. Dentre as questões que nortearão as reflexões destacamos as seguintes: a) Qual a relação do Tratado de Tordesilhas com a ocupação da região de Guaíra? b) A chegada dos portugueses no Brasil foi um acidente de percurso ou uma viagem detalhadamente planejada? c) Os jesuítas constituíram-se em mais um grupo de exploradores ou realmente assumiram um compromisso com os nativos? d) Qual foi a posição dos jesuítas diante dos genocídios, covardia ou luta em defesa dos índios? e) A educação e vida nas missões se caracterizaram como opressão e desrespeito, ou uma vida comunitária saudável? f) Como era o relacionamento entre os jesuítas e os diversos grupos indígenas da região de Guaíra? g) Que fim levou as missões e os jesuítas? h) Qual foi a reação da Espanha diante das expedições dos bandeirantes para capturar os índios em seu território e transformá-los em escravos? As discussões e debates têm como referência obras de indivíduos que viveram os acontecimentos, documentos da época e de estudiosos do tema.

2 GUAÍRA NOS SÉCULOS XVI E XVII NOS MANUAIS DIDÁTICOS

Conforme estabelece as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, a disciplina de História deve ser ministrada/ofertada “sob uma perspectiva de inclusão social”, nesse sentido, as “Diretrizes consideram a diversidade cultural e a memória paranaense, de modo que buscam contemplar demandas em que também se situam os movimentos sociais organizados”. As mesmas Diretrizes determinam o “cumprimento da Lei n. 13.381/01, que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná.” (PARANÁ, 2008, p. 45)

⁵ As Bandeiras eram expedições organizadas para ir ao interior do Brasil. Os seus participantes eram conhecidos como bandeirantes. Havia três tipos de bandeiras: de exploração territorial promovidas por órgãos governamentais, às bandeiras de caça e aprisionamento de índios e as bandeiras de busca de metais e pedras preciosas.

Dentro desta perspectiva, o presente estudo vem de encontro com os objetivos e com a proposta curricular da Escola Pública do Paraná. Some-se a isto o fato de que nos livros didáticos de História, ofertados pelo PNL D de 2008, 2009 e 2010 não encontramos uma relação de conteúdos diretamente relacionando ou dirigido à História do Paraná. Os respectivos livros encaminhados até as escolas públicas de quinta a oitava série são todos da coleção: História Hoje, de autoria de Oldimar Pontes Cardoso editados pela Editora Ática⁶. Embora os professores, teoricamente tenham participação, na escolha dos livros, as edições encaminhadas, via de regras, não apresentam conteúdos da História do Paraná. Soma-se a isto o fato de que nem sempre a primeira opção de escolha feita pelos professores é encaminhada às escolas.

Como material de apoio dentre os autores que se dedicaram a analisar a História do Paraná podemos destacar Romário Martins com a obra *Terra e gente do Paraná*, Ruy Christovam Wachowicz com a obra *História do Paraná* e Hermógenes Lazier com a obra *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. Tais autores e obras são mais acessíveis aos professores e todos tratam, de certa forma, da Região de Guaíra, objeto do presente trabalho.

Romário Martins, na obra *Terra e gente do Paraná*, dedica da página 21 a 39 ao tema da região de Guaíra com o título: Século XVII bandeiras paulistas em Guaíra. Martins nos apresenta uma história destacando determinados personagens, ou melhor, líderes de bandeiras, baseando-se mais em fatos isolados ao estilo de uma História que apresenta os “homens ilustres” (chegando a fazer afirmações apologéticas sobre os bandeirantes tais como: “turmas de desbravadores do sertão e conquistadores de índios”). Salienta o papel do bandeirante em face de expansão das fronteiras em especial na região do Paranapanema e do Mato Grosso. Regiões estas que segundo Martins seriam de domínio espanhol e não português, caso não houvesse a ação dos bandeirantes paulistas. As relações de trabalho, ou a vida comunitária nas missões jesuíticas são pouco analisadas na obra.

⁶ Fazemos a ressalva que aqui estamos falando do Colégio Estadual Mário de Andrade de Francisco Beltrão-PR, dado ao fato de que escolas da rede estadual podem receber obras de diferentes autores e editoras.

Na obra *História do Paraná*, Ruy Christovam Wachowicz, dedicou um capítulo intitulado: As reduções indo-cristãs no Guaíra. O conteúdo se encontra entre as páginas 25 a 37. Entre os tópicos podemos destacar: Adelantados e encomiendas, os jesuítas, as reduções, organização, ensino urbanismo e justiça, conflitos e interesses, os mamelucos, a destruição, extinção de Vila Rica, textos e documentos e os índios escravizados.

Wachowicz nos apresenta o “mal fadado sistema” de colonização por parte das autoridades espanholas. Este processo de exploração se deu através do adelantado (autoridades espanholas encarregadas de conquistar a terra e explorar os índios), e da encomienda (através da encomienda os índios deviam pagar taxas ou prestar serviços) ao adelantado. Wachowicz enfoca a exploração da mão de obra nativa por parte dos espanhóis e portugueses e o conflito gerado com o grande número de indígenas se estabelecendo nas missões. Fator este que causou um dos maiores atritos entre os jesuítas, os colonos e os encomienderos da região. Relata-nos com maior ênfase o envolvimento e a preocupação entre os espanhóis em preservar suas fronteiras, procurando fazer com que os portugueses, através dos bandeirantes não atingissem a região do Rio da Prata. Por outro lado, apresenta os portugueses paulistas preocupados com a expansão das reduções espanholas na região do Tibagi, que vinha contra os interesses econômicos dos mesmos.

Hermógenes Lazier em *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história* tratou da região de Guaíra no capítulo intitulado o Paraná Espanhol, entre as páginas 27 a 39. Entre os tópicos podemos destacar: Guairacá, missões jesuíticas de Guaíra, bandeirantes e experiências comunitárias.

Lazier analisa o período numa perspectiva dialética da superação, com uma visão dinâmica da realidade histórica e como síntese das múltiplas determinações. Os textos de Lazier⁷ possuem uma objetividade, com uma discreta valorização do indígena no enfrentamento entre colonizado e

⁷ Na obra de Lazier, em sua apresentação realizada pelo historiador Gilmar Fiorese encontramos: “Como ele próprio afirma: já fui dogmático, hoje sou dialético” (2003, p. 11). Na síntese de apresentação da obra ainda podemos ler: Foi militante político do Partido Comunista Brasileiro – PCB. Foi operário de fábrica, adversário do regime militar brasileiro sendo preso político durante 365. Historiador e pesquisador da região Sudoeste do Paraná (2003, p. 11). Hermógenes Lazier nasceu no dia 19 de abril de 1931 em União da Vitória (PR), faleceu em Curitiba aos 9 de janeiro de 2009.

colonizador. Enaltece a hospitalidade e ao mesmo tempo a bravura do gentil quando foi necessário defender sua terra do invasor europeu. Apresenta-nos as missões jesuíticas numa perspectiva social de uma experiência muito rica de socialização cultural que a exemplo de outros autores pode ser vista como uma singular “experiência comunista” que teria dado certo nas Américas. Lazier nos apresenta com maior clareza o enfrentamento o embate cultural, enfocando também a luta militar, do gentio em defesa de seu chão. As missões são vistas também de uma perspectiva de assimilação cultural do jesuíta e do nativo, num singular processo de construção social muito significativo para a época. A valorização da cultura indígena bem como de sua assimilação se faz presente num relacionamento entre o nativo e o seu convívio nas missões jesuíticas, porém quando se trata de relacionamento entre encomienderos, colono e bandeirantes, os nativos se encontravam em uma situação de exploração, dizimação e até mesmo aviltante enquanto seres humanos.

Os autores citados acima nos fornecem diversas visões sobre o tema, objeto do presente estudo. É possível analisar a ocupação, a exploração e a dominação de uma forma mais objetiva e ao mesmo tempo com diferentes posições historiográficas. De modo geral, Martins pode ser definido como um historiador tradicional, de base positivista, no sentido de tornar a história um instrumento de moldar comportamentos, ou de criar personagens em que “possamos nos espelhar”, evidenciando a figura dos heróis. Wachowicz adotou uma perspectiva narrativa, na medida em que tentou descrever as relações de trabalho, a exploração e os conflitos travados entre os colonizadores e colonizados. Já Lazier, adotou uma concepção crítica, de base marxista enfatizando a luta dos oprimidos contra os opressores.

3 BRASIL: DESCOBRIMENTO MINUCIOSAMENTE PLANEJADO OU ACIDENTE DE PERCURSO?

Antes de tratarmos do tema propriamente dito é importante fazermos uma retrospectiva histórica e avaliarmos algumas situações já existentes. Isto se faz necessário, para que possamos entender melhor o desenrolar

dos acontecimentos ao longo de nossa análise a respeito da região e do tema em estudo.

Para entender melhor o conflito na região de Guaíra, devemos nos reportar ao período anterior ao descobrimento, pois, em tese os problemas já estavam delineados. No final do século XV os espanhóis já haviam feito acordos com os seus vizinhos europeus que posteriormente tornaram-se vizinhos na América, no caso os portugueses. Assim nossa questão remete a três momentos, com uma ligação direta nos conflitos travados com os povos nativos na região de Guaíra.

a) A assinatura do Tratado de Tordesilhas.

A Assinatura do Tratado de Tordesilhas se deu entre Portugal e Espanha. Aconteceu antes de os portugueses se lançarem ao mar em busca do Brasil, pois sua existência era duvidosa para a época. Pouco depois da volta de Colombo das Américas, em maio de 1493, foi promulgada a Bula Inter Coetera, que reconhecia ao Reino de Castela o domínio sobre todas as terras que se encontrassem localizadas a 100 léguas a Oeste das ilhas dos Açores e Cabo Verde. Como nos informa Divalte:

Portugal, sentindo-se prejudicado, não aceitou a bula papal e exigiu uma negociação direta. O resultado foi o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, em que os reinos ibéricos estabeleceram uma divisão do mundo. Segundo o tratado, terras e mares encontrados ou por encontrar (desde que não pertencessem a nenhum rei cristão) seriam divididas entre Espanha e Portugal. O meridiano que passa a 370 léguas a Oeste das ilhas de Cabo Verde foi tomado como linha divisória. As terras localizadas a Oeste pertenciam a Espanha, as do Leste a Portugal (2003, p. 110).

equivaleria a légua portuguesa), mede 5.572m. Calculando-se a diferença entre ambas, teremos uma medida em que a légua portuguesa supera a castelhana em 1.028m. Calculando-se uma distância de 370 léguas teríamos uma diferença aproximada de 380,360 km, na posição da rota imaginária demarcadora do tratado⁸.

Este impasse entre a légua portuguesa e a légua castelhana de certa forma motivou os brasileiros a avançar as fronteiras pelo interior do continente. Para o Brasil, a dúvida se tornou um elemento fundamental de expansão territorial e de fator econômico, uma vez que os limites acabaram adquirindo uma extensão maior em favor dos portugueses.

b) Chegando ao Brasil em 1500.

Há muito que a discussão acadêmica e o revisionismo historiográfico têm procurado rever fatos e conceitos a respeito de nossa história. Um dos fatos mais marcantes e clássicos é o do “Descobrimento do Brasil”. Para alguns houve o descobrimento e foi por acaso, para outros foi uma invasão planejada. Reinhard Maack⁹ procurou demonstrar que a descoberta do Brasil foi algo premeditado, detalhado e um projeto ambicioso elaborado com eficiência e precisão. A gigantesca esquadra lusitana que veio ao Brasil era composta dos mais experientes navegadores que participaram daquela missão.

Segundo Maack, Dom Manoel reunindo sua maior esquadra composta de nove naus, três caravelas e a naveta de mantimentos constituiu

⁸ O oceano Atlântico é o segundo maior oceano em extensão com uma área de aproximadamente 106.200.000 KM². Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Oceano_Atl%C3%A2ntico#Geografia acessado em 30-05-2011.

⁹ Sobre Reinhard Maack encontramos uma breve síntese biográfica na introdução de sua obra que foi organizada por Ursula Maack Kurowski, revisada e completada por Altiva Pilatti Balhana. Maack nasceu em 1892 na Alemanha e morreu no Brasil em 1969. Formado pelo Instituto de Geografia e Geologia da Universidade de Berlin, aos 20 anos foi para a África, e em 1923 fixou-se no Paraná, trabalhou no Museu Paranaense. Entre 1933/34 executou levantamentos itinerários nos vales do rio Ivaí e alto Paraná, até Guaíra. Foi preso durante a II Guerra Mundial na Ilha Grande (Brasil). Em 1959 fez um estudo sobre o itinerário do explorador Ulrich Schmidl, que passou pelo Sul do Brasil no século XVI. Maack afirmou que o espaço geográfico não é estático. Estudou os paleoclimas da África e da América do Sul. Ocupou-se dos problemas da devastação das matas e do rompimento do equilíbrio natural. Analisou os relatos das viagens de descobrimento e exploração ocorridos entre os séculos XV ao XIX, baseando-se em relatos de navegadores e náufragos deste período. (Maack, 1981 p. XXX a XLIII)

uma gigantesca frota para a época¹⁰. Seus navegadores, a maioria de origem nobre, eram aproximadamente 1.500 homens, dos quais cerca de mil não mais retornaram. A corte lusitana não arriscaria seus mais brilhantes navegadores em tamanho empreendimento se não houvesse a certeza de que seus objetivos seriam atingidos. O mesmo autor afirma que Fernão Dulmo¹¹, tomou conhecimento do Globo de Martin Behaim, publicado em 1492. O referido globo correspondia com pequenas exceções ao mapa mundi do cosmógrafo florentino Toscanelli¹² do ano de 1474. Com base naqueles conhecimentos geográficos, Maack sustentou que:

As caravelas não precisavam mais do que 43 dias normais de navegação para se atingir a costa Sul Americana. O resultado das viagens de Cristóvão Colombo havia rompido definitivamente o sigilo em que os portugueses haviam envolvido as suas viagens de navegação. Colombo inaugurou as expedições descobridoras espanholas. Consequência disto é que depois destas navegações o mundo foi dividido em duas áreas de influência através do Tratado de Tordesilhas. Os portugueses conseguiram finalmente, obter um deslocamento da linha demarcatória para Oeste, e as duas potências concorrentes, a lusitana e a castelhana, entraram em acordo em 7 de junho de 1494, no Tratado de Tordesilhas, conforme o qual a linha demarcatória passaria a 370 léguas do Cabo Verde. (1981, p. 14).

O Cabo Verde era um ponto conhecido dos navegadores. O extremo da Ilha de Cabo Verde de Santo Antão está a 17°10' de latitude Norte e 25°12'25" a Oeste de Greenwich. Maack, sustentou seus estudos e afirmações em pessoas que viveram a época (século XVI), como o naufrago Hans Staden¹³ que viveu na costa do Brasil, entre a Ilha do Desterro e São

¹⁰ A frota de Cabral com 13 navios, possuía seis das 9 naus com cerca de 35 metros de comprimento (10 a mais que as caravelas), com capacidade para 180 tonéis. A nau-capitânea, aonde navegava Cabral podia receber 350 tonéis. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_%c3%81lvares_Cabral#cite_note-Diffie_p.189-43 acessado em 20-11-2010.

¹¹ Existe uma carta de doação, emitida por D. João II a Fernão Dulmo da Terceira, no ano de 1486. Fernão Dulmo era na verdade Ferdinand Van Olm, um dos flamengos que se haviam estabelecido nos Açores. Dulmo declarou ao monarca que se propunha "procurar e achar uma grande ilha ou ilhas ou terra firme". (Disponível em: <http://ruipmartins.tripod.com/ilhasete.html> acessado em 20/10/2009).

¹² Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397 - 1482) foi um matemático, astrônomo e geógrafo italiano. Pode ter influenciado Cristóvão Colombo na formação do seu projecto de atingir o Extremo Oriente viajando para ocidente a partir da costa atlântica europeia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paolo_dal_Pozzo_Toscanelli, acessado em 15-02-2011.

¹³ Em 20 de junho de 1556, Hans Staden entregou uma cópia de sua história a qual relata a sua estada

Vicente. Staden passou 9 meses de sua vida como prisioneiro de uma tribo antropófaga dos Tupinambá, que esperavam o momento propício para realizar o ritual de devorar seu prisioneiro.

A viagem de Cabral contou com o que havia de mais moderno em termos de navegação na época. Possuía uma seleção de navegadores, todos muito experientes tais como: D. Henrique, Diego Cão, Sebastião Del Cano, Bartolomeu Dias, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães.

Sabia-se, no século XV, que nos meses de maio não ocorriam tempestades nas zonas dos alísios e das calmarias. Cabral, em sua viagem rumo às Índias Orientais, desviou o seu curso e seguiu a rota 16°57' de latitude Sul até a costa do atual Brasil. Chegou ao seu destino em 22/4/1500, exatamente 43 dias após ter partido de Portugal. Uma viagem desta distância e com os recursos da época era prevista entre 40 e 45 dias de navegação. Na sequência, sem perda de tempo mandou uma nau comandada por Pero Vaz de Caminha, imediatamente de volta a Portugal comunicando ao Rei D. João I, que haviam atingido os objetivos e logo seguiu para as Índias. A viagem era longa e os navegadores lusitanos sabiam que era preciso ganhar tempo, antes que os ventos mudassem.

c) A união das coroas ibéricas

Portugal e Espanha estiveram unidos de 1580 a 1640. O fato ocorreu em um momento em que o Rei de Portugal, D. Sebastião, deixou o trono livre por ocasião de sua morte¹⁴. Felipe II da Espanha que era sobrinho de D. Sebastião assumiu também o trono de Portugal. Este período ficou conhecido como União Ibérica. A ascensão ao trono de forma indireta por parte da Espanha encontrou certa rejeição entre a nobreza portuguesa, porém Portugal sem poder de reação acabou assimilando a situação.

entre os selvagens do Brasil ao Príncipe e Senhor Philipsen, Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen. Staden narra sua estada entre os Tupinambás, na condição de prisioneiro, cuja tribo é antropófaga. Foi por 9 meses prisioneiro, passando por muitos perigos, dos quais a Santa Trindade inesperada e milagrosamente o teria salvado, segundo relatos na obra: *STADEN, Hans, Viagens ao Brasil*, Editora Martin Claret, 2007.

¹⁴ Com a morte do rei de Portugal D. Sebastião em 1568, sem deixar herdeiros, quem assumiu o trono foi seu tio avô, o cardeal D. Henrique, homem idoso que morreu pouco tempo depois, em 1580. Felipe II da Espanha reivindicou para si o trono português com o argumento que era casado com dona Maria, filha de D. João III de Portugal, avô de D. Sebastião. (Divalte, 2005, p.161-2).

No Brasil, os bandeirantes paulistas apoiaram a atitude espanhola que gerou a União Ibérica, conseguindo a simpatia dos mesmos. Os colonizadores europeus que habitavam o Brasil foram beneficiados, pois não havia mais a necessidade de respeitar o Tratado de Tordesilhas, firmado em 1494. Com isto as nossas fronteiras foram expandidas, a começar pela ocupação do atual Estado do Paraná.

Porém durante a União Ibérica, o Brasil sofreu ataques dos inimigos da Espanha, tais como Holanda e Inglaterra. O governo de Felipe II se caracterizou, no Brasil (que era colônia de Portugal na época), por uma administração militar com fins defensivos, pela descentralização colonial, pela expansão territorial e pela formação de novos núcleos urbanos. Tal política facilitou a entrada dos bandeirantes na região de Guaíra, uma vez que não havia mais a necessidade de se respeitar os limites do Tratado de Tordesilhas.

4 AS PRIMEIRAS VISITAS NO PARANÁ: CABEZA DE VACA¹⁵ E SCHMIDL.

Os colonizadores espanhóis foram os primeiros europeus a cruzarem a região do atual Paraná, passando na região de Guaíra. Vejamos como Lazier retrata o fato:

Entre os vários europeus que passaram pelo atual território do Paraná no século XVI, principalmente rumo ao estuário da Prata, procurando ouro e prata, pois corria a lenda que existia muito na região, dois deles merecem destaque: Cabeza de Vaca e Ulrico Schmidl. O Rei espanhol Carlos V, firmou uma capitulação com Dom Álvaro Nunes Cabeza de Vaca em março de 1541, dando a ele o título de Adelantado, Governador e capitão Geral das terras que por ele fossem adjudicadas à coroa na área do Rio da Prata. Foi também nomeado Capitão Geral com jurisdição na ilha de santa Catarina. Chegou na atual Florianópolis (então ilha dos Patos), com duas Naus e uma Caravela. Seu destino era Buenos Aires. Decidiu, porém ir a Assunção por terra. Foi um dos primeiros a atravessar o Paraná de Leste para Oeste. Saiu da atual cidade de Florianópolis dia 02 de novembro de 1541 e chegou em Assunção no dia 11 de março de 1542. Neste período

¹⁵ Para aprofundar o assunto ver obra: Naufrágios e Comentário, de Álgar Núñez Cabeza de Vaca, Porto Alegre: L&PM, 2007.

percorreu 1.600 km. Tudo foi registrado no diário escrito por Pedro Fernandes, secretário da expedição. É o primeiro documento escrito que fala do Paraná, é nossa certidão de nascimento. (2003, p. 21).

Há relatos que afirmam que Cabeza de Vaca tenha usado o caminho de Peabiru. Na revista *Cadernos da ilha* número 2 encontramos:

Há autores, entre eles Júlio E. Moreira (Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá) que negam a existência do Peabiru. Mas o fato é que em 1555 o ex-governador do Paraguai, Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, por exemplo, contava sua caminhada desde a ilha de SC até Assunção usando “o caminho feito por estes índios, o Peabiru...”. (...) O tronco principal catarinense, que ainda não foi devidamente estudado, iniciava-se provavelmente no Missiambu (Palhoça), seguindo por Florianópolis - litoral norte – rio Itapocu – Guaramirim - São Bento-Mafra. Entrava no PR por Rio Negro-Campo do Tenente – Lapa - Porto Amazonas – Palmeira - Castro, trecho usado depois pelos tropeiros. (2004, p. 9).

Na mesma revista encontramos relatos que constataam que os Guaranis de Florianópolis, conheciam Potosi, nos Andes. Sabiam como ir caminhando. São mais de 2000 km em linha reta. Naturalmente seguiam os acidentes naturais, rios, colinas, planícies e as estrelas.

4.1 Guairacá¹⁶: flechas e burdunas contra espadas e bacamartes.

A região de Guáira está localizada entre o rio Paraná na vertente Oeste, o rio Paranapanema ao Norte, o rio Iguaçu ao Sul e a linha estabelecida no Tratado de Tordesilhas a Leste (compreendendo a região destacada no mapa).

¹⁶ Guairacá, cuja terminologia significa Lobo dos Campos e das águas era o cacique intrépido, o defensor formidável da sua raça e da sua terra, que se estendia do Paranapanema ao baixo do Iguaçu e do Vale do Tibagi à margem oriental do Paraná. Todas as expedições que visavam à conquista dessa imensurável região se defrontaram com o valor guerreiro de Guairacá, com seus cem mil arcos vencedores. O cacique sucedeu-se no comando dos povos de cem tribos e de outros tantos cacicados. Por muitos anos, o nome de Guairacá, abreviado para Guairá pelos castelhanos e portugueses, foi o nome da região de seu famoso domínio sem contraste e também o nome e flâmula de guerra e de defesa hercúlea. Guairacá impediu que sua terra e sua gente fossem dominadas pelos estrangeiros. Ele é o exemplo que se levanta, aos primeiros clarões de nossa história, decidido e sublime na defesa da pátria. Disponível em: <http://cidadesdoparana.blogspot.com/2009/10/estatua-do-indio-guairaca-guarapuava.html> Acessado em 06-06-2011

Enquanto o europeu apareceu em suas terras como hospede, teve acolhida generosa. Mas depois vieram outros europeus em tom de guerra. E as aldeias se movimentaram. Os povos do Paranapanema, do Tibagi, do Ivaí, do Piquiri e do Paraná, com seus chefes principais, combateram sob o comando em chefe do heróico guerreiro guarani. (2003, p. 29).

Registros nos dão conta de que na época, só na região do Tibagiba (Tibagi), existiam mais de 100.000 nativos. Os guaranis já haviam enfrentado os invasores antes das ações de Guairacá. Em 1532 haviam enfrentado as tropas de Aleixo Garcia e destruíram a expedição liderada por Jorge Sedenho, nas proximidades de Sete Quedas. Com a insistência do governo de Assunção em submeter os nativos através de expedições militares, a região do Rio Paraná e seus afluentes se tornou palco de sangrentas lutas entre castelhanos e silvícolas. O “lobo dos campos e das águas”, como era também chamado Guairacá, venceu cinco grandes expedições militares espanholas. Derrotou as tropas de Irala em 1554, de Nuflo de Chaves em 1555, de Alonso Riquielme em 1561, de João de Garai em 1576 e as de Hernando Savedra em 1601. Foram duras lutas contra as tentativas espanholas de ocupar a região, em que a liderança de Guairacá soube vencer com seus guerreiros. Conforme Lazier, “durante quase 50 anos Guairacá foi o terror para os espanhóis.” (2003, p. 30)

Hernando Arias Savedra, governador do Paraguai havia vencido os índios dos Pampas e do Grão Chaco, no Sul. Porém, ao transpor o rio Paraná suas tropas foram duramente combatidas pelos guerreiros de Guairacá. Demersal, em História Geral do Paraguai escreveu:

Então esmorecido por estas tentativas infrutuosas, que lhe custaram avultado número de soldados, Hernando Arias propôs a sua majestade renunciar a força das armas para submeter os índios, e tentar a sua conversão por meio de missionários que lhes levassem a palavra do evangelho. (Apub, Lazier, 2003, p. 30 e 31).

Segundo historiadores, Guairacá foi um dos raros casos em que não se aliou a nenhum dos invasores para defender aos interesses dos nativos.

intimidou o explorador espanhol Cabeza de Vaca, dizendo a famosa frase: “Co ivi aguerecó yara!” (Essa terra tem dono). Hoje há uma reserva em Guarapuava, e várias outras na região. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarapuava> Acessado em 30/05/2011

Defendeu a sua gente com as próprias armas, produzidas da mesma terra. Na região havia uma grande população indígena. Segundo Lazier: “Nesta região, segundo Informações do padre Torres¹⁸, habitavam em torno de 400.000 almas sem sacerdotes” (2003, p. 33). Em 1578 no Estuário da Prata, os Pe. Franciscano Buena Ventura e Luís Bolaños fundaram margeando o rio Paraguai, as reduções de Atira, Pitum, Ipane e Guarambaré. Em 1607, segundo Lazier: “foi criada a província Jesuítica do Paraguai e foi a partir daí que os inacianos assumiram efetivamente a evangelização dos índios sob o comando do Pe. Jesuíta Lorenzana” (2003, p. 33).

5 A AÇÃO DOS JESUÍTAS

No início de seus trabalhos, os jesuítas tiveram o apoio da administração colonial, que cedeu às terras, construiu casas e igrejas. Porém, a parceria durou muito pouco. Talvez por uma visão equivocada que a coroa tinha dos jesuítas, ou por achar que, necessariamente, os jesuítas estariam ao lado da exploração sem limites dos nativos. Ao longo da história percebemos que ao tomar a defesa dos índios, os jesuítas aumentaram seus conflitos com os colonos e os conquistadores espanhóis e portugueses. A preocupação dos colonizadores e dos conquistadores europeus era escravizar os nativos, já a igreja queria convertê-los ao cristianismo. Este trabalho se dava, primeiro ambientando-se aos nativos, depois fazendo o trabalho missionário. É importante observar que não há registros de punições, ou maus tratos cometidos pelos jesuítas nas missões, mesmo no relacionamento com os pajés, que geralmente eram conhecidos como feiticeiros. Tal prática atraiu muitos nativos às missões, por que oferecia certa segurança. O governo espanhol tinha que administrar os conflitos entre os encomienderos¹⁹ e os jesuítas.

¹⁸ Seu nome completo era Diego de Torres Bollo. Foi o 1º Superior Provincial da Província do Paraguai, e um dos principais fundadores das Reduções, recebendo o título de “protetor dos índios”. (Cf. Montoya, 1985, p. 33)

¹⁹ A “encomienda”, em uma definição mais simples era a entrega de um lote de indígenas sob a guarda de um fazendeiro, que era encarregado de protegê-los e pagar seus impostos à Coroa, que os usava como mão-de-obra. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Encomendero>. Acessado em 20-02-2011).

Os Jesuítas reuniam os índios em reduções para facilitar a catequese e evitar a escravização dos mesmos. A região de Guaíra foi escolhida para se instalar as primeiras missões pela grande quantidade de índios existente.

As duas primeiras reduções no Guaíra foram às de Loreto e Santo Inácio, em 1610 e 1611, nas margens do Rio Paranapanema, na divisa entre os atuais estados do Paraná e de São Paulo. No início, o trabalho foi muito difícil, pois os índios desconfiavam ser mais um instrumento de dominação dos brancos, e também por causa da ação dos feiticeiros, pajés²⁰, que muitas vezes contestavam a ação dos padres e, ao mesmo tempo, ameaçavam o seu poder. O missionário Montoya em sua obra, *Conquista Espiritual*, relata casos de conversão de vários pajés, que se tornaram grandes colaboradores. Entre 1622 e 1628, com a liderança do Pe. Antônio Ruiz Montoya²¹ foram criadas muitas reduções. Há autores que falam em 13, já Reinhard Maack, sustentou que eram 24 as reduções conhecidas na região. O mesmo autor afirma que, ao todo eram 30 reduções, sendo 15 no Brasil, 8 na Argentina e 7 no Paraguai. À medida que aumentava a densidade populacional nas missões, aumentavam os atritos com encomienderos, colonos e com os bandeirantes. Segundo Maack:

Os portugueses não interpretavam a obra missionária dos jesuítas no sentido caritativo-cristão, mas sim politicamente, como expressão particular da expansão espanhola. Aos espanhóis, por outro lado, não era conveniente a formação de um Estado jesuíta intrometido na esfera de seus interesses (1981, p. 37).

As incursões para aprisionar os índios se intensificaram durante o domínio espanhol da União Ibérica (1580-1640). O fato de a Holanda

²⁰ O pajé era o líder espiritual da tribo. Possuía poder de cura, de conversar com os espíritos, conhecia as plantas medicinais e tinha muito prestígio e respeito entre os índios.

²¹ Na obra *Conquista Espiritual* de autoria do Pe. Antônio Ruiz Montoya encontra-se uma síntese biográfica extraída da revista "El Mensajero del Corazón de Jesus". A partir dela destacamos alguns aspectos de sua biografia. O Pe. Antônio Ruiz de Montoya nasceu em Lima pelo ano de 1582. Seu pai era de Sevilha e parente próximo do conhecido teólogo jesuíta Diogo Ruiz de Montoya. Sua entrada para a Companhia de Jesus deu-se a 21 de novembro de 1606. Depois de celebrar, em Assunção, a sua primeira missa, partiu para as Missões do Guaíra. Permaneceu nas missões do Paraguai por mais de 25 anos. Em 1620 tornou-se o Superior Geral de todas as Reduções. Posteriormente retornou para Lima e ali residiu até 11 de abril de 1652, quando ocorreu sua morte. "Quis a Província do Paraguai possuir os restos mortais de seu missionário mais querido, e acedendo-se em Lima tão justas, foram trasladados à Assunção, onde se lhes deu sepultura mais que honrosa" (1985, p. 14 e 15).

estar em guerra com a Espanha dificultava o tráfico de escravos proveniente da África, para abastecer os engenhos do Brasil. A grande quantidade de índios na região serviu de opção aos bandeirantes para solucionar o problema da falta de escravos provenientes do continente africano. Segundo Maack:

Os paulistanos em 1607 com Manoel Preto e 1611 com Pero Vaz de Barros começaram periodicamente a invadir a província de Guaíra e saquear as reduções dos índios, levando consigo os moradores como escravos facilmente obtidos. Conhecidas são as bandeiras de Sebastião Preto (1612), Henrique da Cunha Gago (1623), que atacaram as aldeias de Jesus Maria e Santo Inácio no ano de 1618 (sic) (1981, p. 37).

Contudo, os atos de crueldade ainda estavam pela frente. O bandeirante Raposo Tavares montou a mais poderosa bandeira já registrada, no macabro cenário escravocrata do Brasil Colonial. O poder de Raposo vinha de berço, o pai era o Capitão mor da Capitania de São Vicente. De acordo com Maack:

Durante a preparação da grandiosa bandeira, veio a São Paulo o governador de Assunção, D. Luís Céspedes, negociar com os bandeirantes. No entanto, ao invés de prevenir os jesuítas ele fez um pacto com os bandeirantes e impediu toda possibilidade de defesa por parte dos jesuítas, pois desarmou os índios de muitas reduções. Este fato esclarece bem a posição dos espanhóis com respeito ao tratado missionário dos jesuítas e os desejos portugueses com a província de Guaíra (1981, p. 37).

Antônio Raposo Tavares partiu para Iguape com sua bandeira, composta de 3.000 (três mil) portugueses e 900 mamelucos, penetrou no planalto pelo rio Ribeira, que desemboca em Iguape, litoral de São Paulo. Com um pouco de imaginação, poderíamos descrever a sena dantesca de perto de 4.000 (quatro mil) homens armados, andando pelos sertões em busca de caçada humana.

Em 8 de setembro de 1628 transpôs o rio Tibagi e destruiu, uma após outra, as localidades Santo Antônio, Encarnação, Los Angeles e outras aldeias. Uma parte da bandeira invadiu e destruiu 12 aldeamentos de índios no vale do Iguaçu. Com 20.000 índios capturados, em 1º de maio de 1629, Raposo Tavares voltou para São Paulo, onde os vendeu como

escravos. [...] Os ataques principais seguintes, entretanto, foram dirigidos contra Vila Rica e Guaíra. Vila Rica foi invadida em 1631 pela primeira vez e em 1632, definitivamente destruída. Dos 100.000 índios convertidos na zona da redução, 15.000 foram mortos, 60.000 vendidos como escravos em São Paulo (Maack, 1981, p. 38).

Após tentativas de negociação e viagens, os sete jesuítas existentes, entre eles Montoya, organizaram uma grande fuga para não deixar os nativos sobreviventes de suas reduções caírem nas mãos dos bandeirantes.

Causava espanto verem-se, por toda aquela praia, ocupados os índios em fabricarem balsas, que importam na reunião de duas canoas ou de dois troncos grandes de madeira [...] O ruído das ferramentas, a pressa e confusão, davam a impressão de aproximar-se o juízo final [...] Fabricaram-se, em brevíssimo tempo, 700 balsas, sem contar canoas soltas em quantidade, embarcando-se nelas mais de 12.000 almas, as quais importavam nas únicas a escaparem deste tão tempestuoso dilúvio (Montoya, 134 e 135).

Montoya prossegue em seus relatos descrevendo os demais perigos enfrentados pelos que haviam sobrevivido à fúria dos bandeirantes paulistas.

Veio-nos, contudo, então o aviso de que os espanhóis, moradores de Guaíra, estavam nos aguardando num espaço estreito e perigoso, próprio do célebre Salto do Paraná, cuja ribanceira eles haviam levantado uma fortaleza de troncos, visando impedir-nos a passagem e cativar a nossa gente (Montoya, p. 138).

Para transpor este obstáculo os jesuítas conseguiram negociar, após várias incursões com os espanhóis que os ameaçavam. No entanto, na travessia dos grandes saltos perderam mais de 300 canoas. A solução foi andar em longos e sofríveis desvios, carregando, inclusive as embarcações, numa viagem terrestre que durou 8 dias. Sobreveio ainda a fome, os afogamentos, a peste e o ataque de alguns animais.

Ao chegarem à região do atual Paraguai foram parcialmente socorridos. Os sobreviventes retomaram a vida reiniciando com novas missões em solo argentino e brasileiro.

5.1 Experiência comunitária e vida nas missões.

O modelo das missões se inspirava no próprio sistema de vida dos índios, procurando harmonizar um aculturamento de ambos os lados.

O modelo reducionista inspirou-se, fundamentalmente, no próprio sistema de vida dos índios. Quanto a organização econômica, a estrutura da produção fundamentou-se sobre o uso comum da propriedade e dos meios de trabalho. A propriedade individual nunca se concretizou em parte alguma dos trinta povos [...]. Comprar, vender, alugar a mais modesta porção de terra, utilizar o trabalho de outro em benefício próprio transformar o solo em instrumento de lucro, visando a exploração do homem pelo homem e tantas outras manifestações se mantiveram desconhecidas até o fim [...]. Os meios de transporte básicos, canoa e a carroça, estavam também monopolizados pela comunidade (Lazier, p. 36 e 37).

O fato de ser um jesuíta não garantia nenhum privilégio, quer seja junto às missões, ou mesmo perante a pobreza presente em seu meio. Vejamos o relato de Montoya:

Cheguei à redução de Nossa Senhora de Loreto com desejos de ver dois insígnis homens, que eram o Pe. José e o Pe. Simão. Encontrei-os em extrema pobreza, mas ricos assim mesmo de contentes. Os remendos de suas roupas não faziam com que se distinguisse a matéria ou o pano principal. Os sapatos, havidos do Paraguai tinham-nos remendado com pedaços de pano, cortado das bordas de suas batinas. [...] Pão, vinho e sal não se tinham apreciado por muitos anos. Carne de caça chegávamos a ver alguma vez, pois no-lo traziam de quando em quando na forma de um pedacinho de esmola. Eram a alimentação principal batata doce, bananas, e raízes de mandioca (1985, p. 48).

A utilização da propriedade e dos meios de produção em comum, não permitiu o acúmulo de bens de capital na mão de poucas pessoas, de uma classe assalariada ou algo desta natureza. Os próprios jesuítas entravam no setor de produção e trabalhavam todo o tempo, partilhavam tudo, da abundância a miséria, quando ela chegava.

Dado a esta estrutura comunitária introduzida e mantida junto às reduções, a intervenção externa era de pouca importância, ou mesmo desnecessária. A sociedade era plenamente participativa, uma vez que era

dona da sua própria organização social. Este sistema social gerou naturalmente a abundância nas comunidades das missões. A partir destes elementos afloravam também os valores comunitários, como trabalho em comum, as festas religiosas, as procissões e outros. Isto propiciou ao índio um clima de harmonia grupal, algo que ele já era afeito. As verdadeiras necessidades, também eram satisfeitas. Todos possuíam o suficiente, deixando margens para o armazenamento e a comercialização, cujos lucros eram revertidos em aquisições de bens para a comunidade.

O jesuíta Montoya que vivenciou o período traz as seguintes afirmações sobre o cotidiano das missões:

Tudo era colocado em comum: os bois para lavrar, as terras, embora houvesse um pequeno pedaço de terra individual para a subsistência, a colheita era depositada no celeiro em comum para alimentar os inválidos, os doentes, as viúvas, os órfãos e as crianças. Havia também as confrarias, tais como a de São Miguel Arcanjo, a que se admitiam homens de doze a trinta anos, já a confraria da mãe de Deus para a qual só entravam pessoas de maior idade, que se votavam ao serviço da Rainha dos Anjos (1985, p. 22).

Montoya relata ainda a fertilidade das terras do Paraguai e sua riqueza, destacando a produção de açúcar, mel, vinho, o trigo, produtos da cultura europeia. Não deixou de destacar a alimentação nativa:

É que os moradores muitíssimo estimam a farinha, que eles chamam “de Mandioca”, e umas tortas de bolos que eles fazem [...]. Colhe-se muito milho, do qual fazem também umas tortas que, quando novas, são comestíveis, mas sendo velhas, parecem ser de couro. Favas, que lá chamam “frisoles” (feijão), existem muitas e de diversas espécies (1985, p. 22).

Havia praticantes de todos os ofícios. No tocante a saúde e ao bem estar das pessoas nas reduções, havia uma preocupação singular, pessoas eram preparadas e nomeadas para velarem pela saúde pública e tratar dos doentes, sempre sob a orientação de um jesuíta. Os jesuítas, em suas visitas aos doentes, eram acompanhados destes aprendizes, no mínimo dois. Os aprendizes percorriam todas as manhãs as reduções e observavam se alguma moléstia se manifestava ou se alguém precisava de cuidados especiais. Duas vezes ao dia o reitor da missão recebia o relatório sobre o

estado de saúde daqueles que se encontravam enfermo ou necessitando de atenção.

Segundo Montoya, os missionários cultivavam todos os tipos de ervas medicinais, cujas propriedades conheciam os nativos. Juntamente com as especiarias européias incorporavam-se todas as que se adaptavam ao nosso clima. Com afirmações de tal natureza, podemos perceber ao longo do trabalho que encontramos muitos pontos que caracterizam a aculturação dos jesuítas, na medida em que procuravam valorizar e enriquecer o conhecimento e as experiências já adquiridas com o conhecimento dos indígenas. Esta aculturação ou, mesmo o respeito pela cultura local, certamente foi um dos fatores de sucesso do trabalho dos jesuítas em suas missões.

6 CONCLUSÕES

Ao longo do presente estudo foi possível perceber que, no final do século XV e início do século XVI, aconteceu um grande desenvolvimento na área das navegações, permitindo aos europeus expandirem-se para o continente americano. O acúmulo de conhecimentos náuticos e as confirmações de conhecimentos antes suspeitos como a rota marítima para as Índias e a superação das limitações com o aperfeiçoamento dos instrumentos náuticos veio contribuir para as grandes navegações. Portugal e Espanha, detentores de grandes conhecimentos na área de navegação, já haviam firmado acordos em que ambos se beneficiavam como foi o caso do Tratado de Tordesilhas.

A igreja, através dos jesuítas participou do trabalho nas missões e do processo de colonização e exploração das novas terras descobertas. A experiência das missões já era adotada em outras colônias portuguesas. Na região de terras férteis e de bom clima de Guaíra (hoje pertencente ao Paraná), foi posto em ação este sistema de catequese e de contatos com os nativos gerando um resultado muito satisfatório para a igreja. Porém os jesuítas da região de Guaíra, dado a sua proximidade com os bandeirantes paulistas, acabaram tendo seu projeto missionário arruinado quando

entraram em confronto direto com os europeus (portugueses e espanhóis), ao tomarem a defesa dos índios que viviam nas missões. Os jesuítas sentiram-se traídos com a violência, destruição e o aprisionamento praticado pelos portugueses e espanhóis contra os nativos. Os jesuítas viram frustrados o seu trabalho de evangelização, quando os interesses econômicos superaram os interesses religiosos e humanitários com o tráfico de índios, e a destruição desenfreada da população nativa. Processo este que em muitos casos até hoje permanece sob novas roupagens, com a destruição da pouca cultura indígena que ainda sobrevive.

Ao buscarmos aprofundamento sobre os conflitos entre os colonizadores europeus, os jesuítas e os índios na região de Guaíra foi possível concluir que o ensino de História, na educação básica, pode avançar qualitativamente. Para tanto, devemos ousar ir além dos livros didáticos. Os professores precisam dedicar um tempo para produzir materiais didáticos para trabalhar os conteúdos, de forma que se aproxime mais da realidade e dos interesses dos alunos, com atividades que os envolva no processo de apropriação do conhecimento. Para isso, os professores precisam ter mais liberdade e tempo para se dedicar à pesquisa e ao estudo. Só assim, a educação dará o salto de qualidade tão desejado pela sociedade.

7 REFERÊNCIAS

CADERNO da Ilha: *O fascinante caminho do Peabiru*. Florianópolis, fevereiro de 2004, Nº 2.

DIVALTE, Garcia Figueira. *História*. 2ª ed, 3ª reimp. São Paulo: Ática, 2005.

LAZIER, Hermógenes. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. Francisco Beltrão-PR: GRAFIT, 2003.

MAACK, Reinhard. *Geografia Física do Paraná*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1981.

MARTINS, Romário. *Terra e gente do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. (Coleção Farol do saber).

MONTOYA, Pe. Antônio Ruiz. *Conquista espiritual*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba: SEED, 2008.

SCHALLEMBERGER, Erneldo. *A integração do prata no sistema colonial*. Toledo-PR: Editora Toledo, 1997.

STADEN, Hans, *Viagens ao Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 6ª Ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1988.

Recebido em 15/13/2012 - Aprovado em 10/07/2012